
A NARRATIVA PICARESCA EM TERRAS DO ROMANTISMO

Camila Maria Silva Nascimento¹

Um estudo contextualizado das Memórias de um Sargento de Milícias, de Manoel Antonio de Almeida. Aborda-se o picaresco na obra. Analisa-se-lhe o traço diferenciador do Romantismo e antecipador do romance realista.

Palavras-chave: romantismo, picaresco.

Un étude contextualisé des Memórias de um Sargento de Milícias de Manuel Antonio de Almeida. On abord le picaresque dans l'oeuvre. On analyse le trait différenciateur du Romantisme aussi bien que celui que antecipe le roman réaliste.

Mots-clef: romantisme, picaresque.

À guisa de Introdução

Ao longo deste ensaio de pesquisa literária, deitaremos um olhar crítico-reflexivo sobre o Romantismo – suas propostas – ao mesmo tempo em que destacaremos algumas particularidades da narrativa picaresca, tendo como objeto de análise questionadora as **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida. No presente estudo, abordaremos algumas características observadas na obra, em particular o aspecto anti-heróico, anti-idealizante que identificam o protagonista Leonardinho.

Trata-se, sem dúvida, de uma obra prima, pois apresenta inovações narratológicas, seja no que diz respeito à caracterização da personagem em evidência, seja em termos de ponto de vista do estilo, à medida que retrata um tipo social, incomum à época.

O enredo das **Memórias**, já se inicia com novidades que contrariam a sistemática romanesca de seu tempo, quando o autor, dando vida ao que escreve, assemelha-se a um humorista moderno. Tal caracterização deve-se, talvez, aos influxos recebidos, pelo autor, do seu respectivo momento histórico. Vale lembrar a propósito que, ao estreitar como escritor, Manuel Antônio de Almeida adota o pseudônimo de **Um brasileiro**. Como tal, é que se propõe a retratar um Brasil recém-independente, que

¹ - Professora da Uema. Mestre em letras (Teoria Literária-URJ); doutoranda (Ciência da Literatura-UFRJ).

procura afirmar-se como nação, arrastando consigo cada indivíduo que queira participar dessa ambição.

Na época da publicação das **Memórias**, ser brasileiro era, acima de tudo, ser assumido, comprometido com a questão nacional. Almeida, tomando para si a tarefa de reconstruir um passado mais ou menos recente (ao trabalhar a sua criação), tenta facilitar a compreensão do leitor e, indo mais longe, busca definir ou apresentar um Brasil contemporâneo.

Observe-se, entretanto, que a narrativa não constitui um romance histórico, tampouco um puro exemplar de romances de costumes, embora apresente alguns flagrantes descritivos da vida social urbana do Rio de Janeiro, no tempo de D. João VI. O autor não a enobrece com véus de uma idealizada retórica, omitindo o que não significa bom gosto burguês; pelo contrário, faz-nos conhecer e leva-nos a conviver com as classes sociais existentes, interrelacionando-as com a variedade de bons e maus costumes da época.

Por dar preferências às situações coletivas, o autor também não desenvolve muito a psicologia das personagens, o que resulta na falta de nomeação da maioria delas representadas, tão somente, pelas funções que exercem: o compadre, a comadre, as velhas, etc. Somente o protagonista (Leonardo) aparece como um indivíduo de personalidade mais ou menos marcada: meio confuso, meio conflituoso, em virtude da problemática que envolve a sua origem, nascimento e vida. Daí, a semelhança e proximidade com o **pícaro**, o anti-herói de um típico romance Espanhol.

Para um melhor esclarecimento, acreditamos ser importante salientar que tomaremos a obra como um todo, sem nos determos particularmente em nenhuma parte. Embora a tomemos como ponto de partida e de chegada do nosso estudo, não faremos uma análise literária, propriamente, mas limitar-mos-emos a focalizar aspectos que justificam o título: **a narrativa picaresca em terras do romantismo**. Entendemos, todavia, ser útil fazer uma síntese da história, apenas em caráter informativo.

As **Memórias** giram, de início, em torno das aventuras amorosas de um meirinho português, no Rio de Janeiro, durante as primeiras décadas do século XIX – **Leonardo Pataca**. De uma infeliz união com Maria-da-Hortaliça, nasce seu filho, de nome semelhante que, desde cedo, passa a viver, como o pai, uma vida de aventuras e

travessuras de toda espécie, ora namorando Vidinha, ora Luizinha e, por vezes, metendo-se em encrencas com o intendente de polícia – o Major Vidigal, que também infernizara a vida de seu pai. A história termina com um Leonardo casado com Luizinha e sendo promovido a **Sargento de Milícias**.

O Romantismo: sua proposta libertadora

A literatura, como as demais artes, revela, realmente, entre outros aspectos, traços marcantes do momento cultural vivido pela sociedade burguesa, industrial, e corrobora a afirmação de que houve um homem do século XVII, do século XVIII, enfim, um homem do século XIX que, pensando, criando e agindo por meio de seu modo distinto de ver e de ser, no mundo, deixou sua marca indelével.

Para conhecer o panorama cultural do século XIX, que possibilita o florescimento de **estilos de época**, como o Romantismo, por exemplo, é mister apontar as linhas mestras do pensamento dominante: as características fundamentais dos modos de viver, as marcas comuns aos escritores dessa época, para que tenhamos uma visão geral do assunto.

De imediato, duas questões nos chamam à atenção sobre o Romantismo: **estado de alma romântico** e **movimento literário romântico**. Temperamento romântico, mais conhecido por estado de alma é, por assim dizer, uma constante universal, cujas características passam pelo relativismo, pela busca da satisfação na natureza (o refúgio), pelo regional, pelo pitoresco, que cria, pela imaginação, o meio de fuga do mundo com o qual o **Eu** artístico, romântico entra em conflito. O artista romântico apoia-se na fé, na liberdade, na emoção e idealiza a realidade.

Já o estilo de época – o Romantismo, constituiu-se em um movimento estético, que configura um estilo de vida e de arte, prevalente na civilização ocidental, abrangendo a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX. Infere-se, a partir daí, que aquele espírito romântico encontra, nessa época, sua plena realização, convertendo-se na real necessidade de todo o mundo ocidental, principalmente em terras da Alemanha e da Inglaterra, onde teve o seu começo. Para arrematar, a citação de Proença Filho (1995, p. 213) que diz: “Na verdade, o Romantismo foi uma revolução de amplo sentido, em que a concepção do mundo e a atitude diante dele passam a ser distintas daquelas que marcaram os séculos anteriores. E, como revolução, opôs-se, basicamente, aos princípios clássicos de vida e de arte”.

Enquanto estilo de época, manifesta-se, com pequenas variações cronológicas nos vários países; a exemplo a França, com M.me. de Staël, Chateaubriand e Rousseau; na Itália, Giovanni Berchet, Ugo Foscolo e Manzoni; Portugal, com Garret. No Brasil, assinala-se o início desse movimento com Domingos Gonçalves de Magalhães e a publicação dos **Suspiros Poéticos e Saudades**, em 1836.

Assim, por volta de 1830, o Romantismo já é uma realidade em todos os países ocidentais, estendendo-se pela Europa e América. E, apesar das diferenças que caracterizam a cultura de cada um deles, mantém uma série de traços comuns que o caracterizam, transformando-o em um movimento de âmbito universal.

Em meados do século XVIII, assiste-se ao desenvolvimento da indústria, notadamente na Inglaterra. A agricultura tem um considerável avanço, com destaque para o cultivo de tubérculos e o aumento da produção de cereais. As ciências médicas evoluem, novos hábitos de higiene são desenvolvidos, hospitais são construídos, enfim, a vida humana é melhor valorizada, a existência começa a se tornar mais saudável. No âmbito urbano, pavimentam-se ruas, galerias de esgotos são instaladas, utiliza-se água corrente, as populações aumentam e eis que surgem as massas urbanas.

Entretanto, vive-se um tempo de revoluções e guerras que alteram os quadros sociais e as formas de governo de vários países, gerando, dentre outras conseqüências, a extinção de grupos aristocratas dominantes e destituindo, de seu pedestal, a elite literária que se manifestava na tragédia e em outros gêneros clássicos. Na verdade, “O Romantismo inaugura o gosto da análise precisa e do realismo, na pintura dos caracteres e dos costumes, cujos exemplos máximos, são Stendhal e Balzac” (COUTINHO, 1976, p. 150).

A simples realidade, entretanto, já não mais prende os românticos, que buscam apoiar-se na construção de sínteses ideais e tipos genéricos e reúnem variados traços de diversas origens para compor os seus personagens romanescos. Desse modo, o romance mistura realidade e fantasia, análise e invenção. O gosto pela história, pelos motivos e personagens, tanto no teatro, quanto no romance, é tão difundido, que assinala, no gênero, uma de suas variantes principais na época: o romance histórico. Outra vertente, segundo Afrânio Coutinho, também divulgada popularmente, é o **romance gótico** ou **romance negro**, cujo conteúdo trabalha temas fantásticos ou de terror, históricos ou sentimentais, cheios de elementos misteriosos; fantasmas, aparições, vozes sobrenaturais, cuja ambiência passa por claustros, solares ou castelos

mal assombrados, buscando, decididamente, passar a impressão de horror. Os romances de aventuras, povoados de muita ação, cheios de façanhas perigosas, extraordinárias e emocionantes também são tematizados: “Em suma, o Romantismo cultivou principalmente a poesia lírica, o drama e o romance-social e de costumes, psicológico e sentimental, gótico e de aventuras e histórico, de tema medieval ou nacional” (*id., ibid.*, p. 151).

Graças ao senso de relativismo próprio do Romantismo, é que ele, no Brasil, adapta-se à situação local, valorizando-a, de acordo com a regra romântica de exaltação do passado e das particularidades locais. Assim, o movimento assume uma feição particular, com características especiais e traços próprios, ao lado dos movimentos gerais de filiação ao movimento europeu. É, pois, ao movimento romântico, que o país deve a sua independência literária, por conquistar uma liberdade de pensamento e de expressão, sem antecedentes, além de ter acelerado a evolução do processo literário.

O Romantismo fez o período – 1800/1850 – apresentar um grande salto na literatura brasileira. De tal forma, tão importante, que necessário se faz assinalar o que o caracterizou, nestas terras, e o que ficou de sua presença. Cumpre, então, acrescentar que: o movimento ganhou aspectos peculiares, por força do ambiente ao qual se aclimatou e, por não existir no Brasil a problemática cultural européia, os brasileiros conseguiram ultrapassar os riscos da mera aceitação e alcançaram imprimir à arte marcas específicas e nacionais.

Vale ressaltar, então, que o Romantismo ajustou-se à afirmação do Brasil como nação e identificou-se com a maneira de ser e de sentir do seu povo; converteu-se num estilo de vida e traduziu muito, não só da nossa individualidade, mas também da nossa dimensão coletiva, o que resultou num marcante sentimentalismo, de afirmação nacional. Nos caminhos dessa afirmação, elegeu o indianismo, como **tema mitológico**, no afã de representar a jovem nação que se afirmava. A propósito, Coutinho (*op. cit.*, p.170), que defende: “Casando a doutrina do ‘bom selvagem’ de Rousseau com as tendências lusófonas, o nativismo brasileiro encontrou no índio e sua civilização, um símbolo de independência espiritual, política, social e literária...”

Buscando, pois, inspirar-se em elementos nacionais, os românticos encontram eco numa Nação recém-independente e em plena fase de afirmação de sua personalidade; em sua última fase, a mística indianista cede lugar à militância liberal. É

Merquior (1977, p.55) quem afirma: “...nisso acompanhou o itinerário geral dos romantismos latinos que começam tradicionalistas e terminam progressistas”.

Nesse percurso de militância, o movimento, no Brasil, é marcado por um forte caráter político e social. Ressalte-se que, empenhados em caracterizar uma cor local, os românticos valorizam uma literatura popular, como fonte original de criatividade e não apenas de interesses pela cultura indígena da América. Proliferam estudos sobre o nosso folclore, tomado como elemento substituto dos modelos clássicos. Cultuam a natureza, que se transforma em campo propício, na exuberante paisagem nacional.

Outro elemento significativo, que marca essa literatura, é o já conhecido **mal do século**, ou seja, a sensação de mal-estar, decorrente do desencanto diante da vida, diante do mundo, observada em alguns poetas e prosadores do segundo momento romântico. É válido salientar que os gêneros literários – poesia e ficção – são consolidados, aqui no Brasil, pelos nossos românticos.

Como que proféticos da revolução linguística dos modernistas, os românticos libertam a língua usada no Brasil das normas clássicas dos escritores portugueses e, dessa forma, preocupam-se com a utilização de uma língua nacional, dando ênfase à linguagem oral. Desse posicionamento antilusitano, conseguem instaurar uma língua literária brasileira. Através do Romantismo, institui-se, no Brasil, a carreira literária e os homens de letras passam a ser melhor compreendidos, sobretudo como agentes de missão civilizadora, não só através da obra que realizam, mas das suas responsabilidades como intelectuais, agindo social e politicamente.

Em suma, ao conciliar a imaginação romântica e as realidades do cotidiano brasileiro, o Romantismo reúne sentimento e pensamento, profundamente radicados no solo nativo, onde busca a sua unidade e sua força para se tornar um grande e verdadeiro movimento estético-literário.

Da narrativa picaresca

Caracterizar a narrativa picaresca é uma questão que muito tem chamado a atenção da crítica que, de uma maneira geral, tem se perguntado: que obra, afinal, toma para si tal título – Lazarillo de Tormes ou as que se lhe seguiram os passos?

Na opinião de Almeida (1991, p.70), quem se propnha a focalizar a narrativa picaresca, deve, antes de tudo, verificar a questão de método e fixação de

limites. Isto porque, tal narrativa, ao ser tratada, admite dois enfoques: a picaresca *stricto-sensu*, como exemplo, o **Lazarillo de Tormes**, de autoria anônima; e a **História de la vida del Buscón**, de Francisco de Quevedo, ambas produzidas na Espanha e a picaresca *latu-sensu*, produzida fora da Espanha. Na Europa, Gil Blas de Santilhana, de Lesage; e no Brasil, **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida e, modernamente, **Macunaíma** de Mário de Andrade. O autor (*id. ibid.*) defende, ainda, dentro da narrativa picaresca *stricto-sensu*, três momentos distintos no tempo, representados, respectivamente, pelos três grandes romances do gênero: o **Lazarillo de Tormes** (1554), o **Guzmán de Alfarache** (1599-1604) e a **História de la vida del Buscón** (1626).

Ainda falando sobre a narrativa picaresca espanhola, Moisés (1985, p.212) atribui a esta uma evolução que, segundo ele, compreende duas fases: a primeira, representada pelo **Lazarillo de Tormes** e a outra pelas narrativas seguintes, principiando com **Guzmán de Alfarache** que, pela primeira vez, emprega o vocábulo **pícaro** ensejando que sua obra acaba por ser considerada uma espécie de modelo do gênero. É do próprio Moisés (*id. ibid.*) o seguinte comentário:

“A primeira fase é marcada por um otimismo que se transforma em pessimismo na segunda: as aventuras do Lazarillo promovem o riso, graças a uma comicidade espontânea, sugerem inconseqüência folgazã que se diria fruto do iluminismo renascentista; as andanças de Guzmán de Alfarache encerram o veneno ácido da sátira contundente, na corrosividade que acompanha uma visão do mundo depressiva, barroca”.

Para melhor entendimento, vamos tomar o termo picaresco que, a princípio, deriva de pícaro (que dicionarizado, quer dizer: o sujeito astuto, velhaco, patife, vigarista, vagabundo enfim). Dessa forma, o romance ou a novela que se ocupa em narrar as andanças ou peripécias desse tipo de sujeito, será, por certo, uma narrativa picaresca. Todavia, esse estilo narrativo, por não corresponder às mais variadas características e tendências, não se aclimatou muito bem na nossa literatura. Somente por volta do Romantismo, o assunto pervaga pelos romances históricos e, assim, **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida, constitui o exemplar único e autêntico no gênero picaresco (ressalvadas algumas particularidades), possivelmente derivado das novelas e romances ibéricos do século XVI.

Na Literatura Brasileira, ainda são encontrados laivos casuais de **picaresco** em obras realistas como: **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo, **Memórias**

Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, dada, exatamente, a íntima relação que existe entre estes romances e o romance picaresco e o de costumes. Por motivos outros que não os do costumismo, voltamos a perceber, no Modernismo, a presença dessa temática, quando Mário de Andrade lança **Macunaíma** – o herói **sem nenhum caráter**. Mário, ao criar **Macunaíma**, lhe confere atributos próprios do pícaro, por ser este malicioso, astuto, sensual, preguiçoso e primitivo, submisso aos instintos, sobretudo aos sexuais, e às artimanhas para sobreviver aos perigos da selva e da **cidade grande**.

Vale ressaltar ainda que, nas diversas narrativas do gênero, é peculiar, ao personagem pícaro, “...um determinismo de nascimento que o leva a ser o que é; está fadado à desonra como o cavaleiro medieval está fadado à honra e é um herói trágico, na medida em que está sozinho, não pode fugir à sua condição e está é determinada pela culpa dos pais” (ALMEIDA, op. cit, p. 74).

Em suma, numa tentativa casual, de classificação da narrativa picaresca, é bom lembrar que, desde o **Lazarilho**, ela tem assumido vários sentidos, o que resulta em classificá-la, tanto como comédia, quanto como sátira ou novela exemplar.

AS MEMÓRIAS: ave rara nos céus do Romantismo

É consabido, pois, que o Romantismo produziu, em verso e prosa, um variado leque de assuntos e trabalhou diversas temáticas, inclusive a prosa de costumes, quando, nas pegadas da literatura espanhola romântica, enveredou, também, pela descrição realista da vida popular, embora de forma idealista, elegendo heróis que o momento adotava.

Todavia, é na segunda fase do movimento romântico, que vamos encontrar um dos pontos altos de nossa ficção, em todos os tempos: **Memórias de um Sargento de Milícias** – **estranha ave** que, por algum tempo, foi quase esquecida (e por que não dizer, rejeitada), por ter apresentado inovações que, na época, causaram estranheza e repúdio.

A indiferença e o silêncio que cercaram o surgimento desta obra, ainda hoje constituem sinal de perplexidade para os que dela se aproximam, seja enquanto leitores, seja enquanto críticos. Apesar dos vários estudos feitos, ainda não se pode dizer que o assunto tenha-se esgotado e que o olhar crítico, a respeito, tenha sido concluído. Esta obra é, sem dúvida, de profunda riqueza mas, dadas as suas características

inabituais, para a época, seu lançamento, em virtude da temática trabalhada, contrariou regras e usos de seu tempo, repercutindo nas letras, de modo geral, e provocando comentários, os mais variados, o que se observa ainda hoje.

Pela veracidade dos temas e pela proposta de entretenimento nela intrínsecas, as **Memórias** isentam-se de traços idealizantes e procuram desligar-se do material romântico: “... a fidelidade porém com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga” (ALMEIDA, op. cit., p.119).

Graças ao método objetivo de composição, do seu autor que, como se diverte, em enredar as danças e peripécias de um aventureiro (o protagonista da narrativa), as **Memórias** têm sido apontadas como novela picaresca, embora lhe faltem certos elementos definidos, do tipo, essencialmente. Tendo-se em conta a atmosfera do romance, que se nos apresenta identidade e episódios de personagens, com as obras do gênero picaresco, a questão é discutir a problemática habitual quando da tentativa de classificá-las. Novela? Romance de costumes? Picaresco? Realista? É o que procuraremos fazer de agora em diante: analisá-la dentro dessa ótica.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS – romance de costumes ou novela picaresca?

Vamos deitar um olhar sobre o que dizem alguns críticos literatos e pesquisadores do assunto. Alguns não hesitam em classificar a obra em estudo como um romance de costumes. Isto porque ela apresenta elementos peculiares à época: o costumismo, por exemplo.

Por introduzir elementos inovadores, justo no momento em que Macedo dominava o ambiente literário, apresentando uma cópia de traços pitorescos e digressões sentimentais, ela também é vista como um romance picaresco, por trabalhar, realisticamente, comportamentos desviantes dos tão comuns ao Romantismo, em seu pleno apogeu. Por abandonar a visão burguesa urbana e retratar uma determinada camada da classe popular, com suas atitudes simples, vulgares e por fazer uma amostra dos seus problemas, o autor assemelha-se a um humorista moderno e dá vida ao que escreve; mais que isso, reproduz a malícia, o humor e a sátira camuflados, de uma época, de um povo. É o período de D. João VI no Brasil, justamente o momento de maiores transformações e mudanças de mentalidade colonial para a vida da Corte. Para

Bosi (1995, p.147), “Figurantes e não personagens movem-se no romance picaresco do nosso Manuel Antônio que, ao descartar-se dos sestros da psicologia romântica, enveredou pela crônica de costumes onde não há lugar para a modelagem sentimental ou heróica”.

Se observada a estrutura que a obra apresenta, verifica-se uma obediência modular novelesca, própria do gênero que, na opinião de Moisés (1985, p. 207), enumera-se: “...uma sequência de células dramáticas, ou episódios, equivalentes aos capítulos, dispostos na ordem linear do tempo, com predomínio da ação sobre a análise e da técnica do suspense e do entrelaçamento”.

Interessante se faz ressaltar a existência duma forma que, quando se realiza como novela, apresenta a estruturação especial que Kayse (1985, p. 395) chamou de **evento ocorrência**, que atua até em **gestos linguísticos** típicos, como: **assim aconteceu que, assim foi que, mal isto se passara**, etc. – para ele, maneiras de dizer que, por certo, não faltarão em nenhuma narrativa do gênero, onde as personagens não podem ter valor próprio: são, absolutamente, partes da estrutura do enredo.

Reportemo-nos à obra em estudo. Não raro, encontramos, nas **Memórias**, inclusive no primeiro capítulo (**Era no Tempo do Rei**) – que, sem dúvida, remonta ao tempo de D. João VI – traços do referido **evento-ocorrência**, que o autor dá vida e repete, noutras ocasiões, através de expressões como “...era um sábado de tarde...” e “...aconteceu que...”, o que, ao nosso ver, justifica a estrutura comentada por Kayser (ALMEIDA, op. cit., p. 99 e 114).

Como modalidade narrativa, não sendo a novela puramente épica, ainda na visão de Kaiser (*op. cit.*, p.395), “... não se demora com agrados a cada passo, mas sim, com sua concentração no evento e a sua tensão temporal, aproxima-se do dramático”.

Em resumo, tendo a novela, como destino, entreter pelo movimento das situações e das cenas e, sendo a existência, concebida pela narrativa, como peregrinação ao longo de passos marcados e suscetíveis de alteração, tais elementos caracterizadores também pontilham, nas **Memórias**, como classifica, ainda, Moisés (*op. cit.*, p.207), quando diz: “Novela, e não pela extensão de páginas – critério indefensável –, mas pela estrutura, análoga à de tantas narrativas românticas e às que a tradição cavaleiresca, bucólica, sentimental e picaresca havia legado”.

As **Memórias**, pois, novela picaresca de Manuel Antônio de Almeida, ocupam um especial lugar na panorâmica ficcional do Romantismo, graças à sua originalidade; fruto da criação espontânea e elaborada do escritor que, não apenas descreve um ambiente, mas introduz nela juízos de valor, já que os conhecimentos adquiridos da época lhe vinham das narrativas de um colega e personagem do povo – um português funcionário do Correio Mercantil, ex-soldado na Guerra Cisplatina (sargento de milícias) que, nas horas de folga, contava-lhe sobre **os tempos do rei**.

As **Memórias** agridem a **sensibilidade romântica**, a partir de seu herói (Leonardinho) que é, na verdade, um anti-herói, comparado aos modelos românticos idealizados em obras contemporâneas. Melhor seria defini-lo como um herói picaresco: aquele que vê a sociedade de baixo para cima, à margem desta, de um outro ângulo, o que se pode perceber a partir das origens de Leonardinho – fruto de uma irresponsável e passageira aventura amorosa entre Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça que, numa viagem entre Portugal e Brasil, conhecem-se e, ao desembarcarem, Maria já está grávida. Em consequência das atitudes irresponsáveis, escandalosas e vagabundas dos pais, Leonardinho é abandonado e, ainda pequeno, é adotado pelo padrinho, que tenta educá-lo com esmero. Entretanto, de nada vale o sacrifício e a boa vontade para com o pequeno. Somente o tempo e as experiências vividas pelo afilhado vão torná-lo, no futuro, um adulto imaturo que, mesmo dependendo de **empurrões de amigos** e da madrinha, consegue vencer. Ascende, socialmente, passando de soldado a sargento: “O Major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: um era a sua baixa de tropa de linha; outro sua nomeação de Sargento de Milícias” (ALMEIDA, *op. cit.*, p. 134/135).

Recebe a herança deixada pelo dedicado padrinho: “... recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho” (*id. ibid.*, p. 135).

Casa-se com Luizinha, aquela que despertara-lhe os amores primeiros e que agora está viúva: “Passado o tempo indispensável do luto o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em peso” (*id., ibid.*, p. 1135).

AS MEMÓRIAS: semelhanças e diferenças em relação à narrativa picaresca

A obra **Memórias de um Sargento de Milícias** tem sido apontada como novela picaresca, embora faltem, ao protagonista, certos elementos definidores do tipo essencialmente pícaro – influência indiscutível, tendo-se em conta a atmosfera do romance, que é realmente de caráter picaresco, apresentando identificadores de episódios de personagens com outras obras do gênero.

Teria Manuel Antônio de Almeida pretendido criar um herói contraposto aos idealizados e perfeitos, eleitos pelo Romantismo e, para tal, procurou valer-se da narrativa picaresca?

É uma hipótese que, ao nosso ver, não deve ser de todo negada, haja vista que, na análise das **Memórias**, percebe-se o desejo que teve o autor de contar as experiências do cotidiano do anti-herói e, mais que isso, focalizar aspectos mais sórdidos da sua vida, entre estes a condição de seu nascimento: “...és filho de uma pisadela e de um beliscão...” (ALMEIDA, *op. cit.*, p.13) e, quando preterido pelo pai após a briga com a mãe: “... mereces que o pontapé te acabe a casta...”

O rapaz não consegue fugir da má sina pois, até a madrinha faz questão de lembrar-lhe: “És um vira-mundo; andas feito um valdevinos sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem ofício nem benefício, sendo pesado a todos nesta vida...” (*id. ibid.*, p. 97).

Talvez, aí, resida a aproximação, o parentesco, que hoje vê a crítica, ao comparar Leonardinho com o pícaro (anti-herói), típico dos romances predominantemente espanhóis.

Através do protagonista, o autor das **Memórias** procura esboçar um quadro social amplo, não se isentando da crítica pesada, colorindo a narrativa com um certo tom cinismo. Parece-nos que, ao querer trabalhar o tema, Almeida quer mostrar a auto-suficiência da personagem – que ao emergir das cinzas, procura reconstruir a si e ao mundo circundante.

Apesar do mau nascimento do Leonardinho e das suas travessuras compulsivas de criança, ele não se assemelha, de todo, ao modelo europeu (mal amado por excelência e escorraçado por todos, cuja preocupação é somente enganar o próximo), pois, no comportamento adulto do nosso anti-herói, observa-se uma certa

hesitação (talvez do autor, não necessariamente, do protagonista) em agir sem um determinado modelo de conduta, haja vista, Leonardinho não protestar contra, nem rejeitar as orientações recebidas dos tutores, exceto na questão relacionada à vida religiosa, ansiada pelo padrinho:

“há de ser clérigo... ora, se há de ser: hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé...

– Aos domingos quando voltarmos da missa...

– Ora, eu não gosto da missa. O padrinho não gostou da resposta; não era bom anúncio para quem se destinava a ser padre” (ALMEIDA, 1991, p.17 e 18).

Outra variante observável e que diferencia as **Memórias** das narrativas picarescas originais é o fato de se apresentarem, aquelas, narradas em terceira pessoa – o que justifica a alusão feita ao Sargento de Milícias, em que se tornou o Leonardo (e não ao amigo do autor, que lhe teria fornecido os elementos essenciais para a existência da tal história).

De certa forma, Leonardinho luta para sobreviver em um mundo hostil. Sofre alguns tropeços e, na grande escola que é a vida, passa por um processo de aprendizagem: “...assim como o cavaleiro é adestrado, em sua ética e maneiras, o pícaro o é em termos de sobrevivência” (*id. ibid.*, 1991, p.75).

É este adestramento que acaba por favorecer o sucesso marcadamente bem apresentado no final da narrativa. Melhor dizendo: ao finalizar o último capítulo, Almeida presenteia o leitor com um coroamento de acontecimentos bons à vida do protagonista.

À guisa de conclusão

O êxito de obras como **As Memórias de um Sargento de Milícias**, inspirada no pitoresco da vida popular brasileira, está relacionado, de certa forma, ao estudo mais apurado de quem busca conhecer produções desse quilate, e constitui sem dúvida, um convite a quem queira dela se aproximar para fazer uma leitura mais atenta ou, mais que isso, uma análise mais profunda (já que esta não foi a nossa pretensão, daí o convite).

Por serem as **Memórias** uma produção meio em desacordo com os padrões e o tom do momento de sua produção, isto talvez justifique o distanciamento

criado entre elas e seus leitores da época que, repudiando-as, demonstram não ter consciência dos tesouros nelas escondidos. E, dentre estes, vale ressaltar a linguagem utilizada pelo autor que, a nosso ver, cumpre certos objetivos e realiza determinadas intenções, como por exemplo: documentar a gíria falada na época, através dos diálogos entre seus personagens.

Ao contrário de seus contemporâneos, o autor não sofre nenhum amaneiramento. Impõe-se por um coloquial pitoresco, particularizado de tal modo, que em pleno apogeu do romance romântico, avultam características que, de certa forma, contrariam o modelo estabelecido. Dentre estas, vale apontar a introdução da personagem Vidinha, no enredo, com sua peculiar maneira de ser e de falar, em nada semelhante aos padrões preferidos pelos leitores de então. Em suma, a obra comporta uma visão mais destacada da realidade, estuda e põe à mostra modos de ser e condições existenciais de certas personagens, não se detendo, todavia, numa obsessiva análise das mesmas.

Por essas e tantas outras características, bem como pelas inovações contidas na obra em estudo, ousamos classificar Almeida como um precursor do Realismo/Naturalismo, ou melhor, diríamos um pré-realista, caso a sua obra tivesse logrado legitimidade pela crítica literária e o reconhecimento do público da época.

Enfim, por tratar-se de uma novela que recria uma realidade a partir dos dados extraídos do contexto social e oferecidos pelo mundo concreto, as **Memórias** têm, na ficção novelesca, seu lugar garantido. Com certeza, seu êxito não tardará, posto que seu reconhecimento tende a crescer cada vez mais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro Correia Lima de. **A narrativa picaresca**. Revista T.B - 5. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1983, 192 p.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. Série Bom Livro. 18^a. ed. São Paulo: Ática, 1991. 136 p.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução a Literatura no Brasil**. 16^A. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 326 p.
- KAYSER, Wolfgang. **Análise e Interpretação da Obra Literária** (introdução à ciência da literatura). 7^a. ed. São Paulo: Editora Coimbra, 1985. 505 p.
- MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**. Breve história da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.
- MOISÉS, Massaud. **A análise Literária**. 5^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. 270 p.
- **A Criação Literária**. 15^a. ed. Prosa I. São Paulo: Cultrix, 1995. 355 p.
- **História da Literatura Brasileira**. 6^a. ed. Vol. II, Romantismo. São Paulo: Cultrix. 1995, 324p.
- & PAES, José Paulo. **Pequeno dicionário de Literatura Brasileira**. 3^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1987. 462 p.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. 327 p.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 9^a. ed. , 1995, 677 p.